

MARXISMO – UM BALANÇO CRÍTICO

Louis Althusser¹

O que distingue Marx da filosofia política idealista é o fato de que ele não se ilude nunca sobre a "onipotência das idéias"; ele próprio compreende. Desde o *Manifesto* (e não mais mudará) a sua posição é clara: a via ao "comunismo real" será aberta ao movimento geral da luta de classe dos proletários contra os capitalistas. A influência das idéias é apenas a expressão subordinada de uma relação de forças entre as classes. O fato extraordinário é que Marx tenha em conta esta tese materialista na exposição das próprias idéias. Isto se nota seja no *Manifesto*, seja no *Prefácio* de 1859 à *Crítica da economia política* (1859), em que a apresentação assume a forma de uma análise (o prefácio supera e, em certo sentido, anula a *Introdução* escrita dois anos antes para a mesma obra). Marx, à saber [por sua vez], expõe as próprias idéias duas vezes, e sob duas formas diversas. As apresenta de antemão como princípio das análises de conjunto (seja de uma conjuntura global: o *Manifesto*; seja da estrutura de uma formação social: o *Prefácio* de [18]59); suas idéias estão presentes em toda parte, porque trata-se de explicar por meio delas uma realidade de complexos. E estão presentes nelas sua forma teórica. Mas Marx apresenta suas idéias uma segunda vez, colocando-as num lugar determinado e limitado da mesma realidade complexa: entre (segundo o *Prefácio* de [18]59) a "forma ideológica onde a humanidade toma consciência dos conflitos (de classes) e os leva a sua extrema conseqüência". Assim, colocando as próprias idéias num lugar definitivo das relações sociais e das relações de classes (a superestrutura), Marx não as considera mais os princípios das explicações daquilo que é dado, mas

¹ ALTHUSSER, Louis. *Marxismo - Un bilancio critico*. In: *Enciclopedia Europea*. Volume VII. Milano: Garzanti, 1978. 1087p. pp. 280-282. Texto inédito no Brasil. Tradução de Marquessuel Dantas de Souza. – No verbete *Marxismo*, da Enciclopedia Européia, Althusser finaliza a exposição com um balanço crítico sobre o marxismo naquele momento (1978). Eis porque o título *Un bilancio critico*, e que comporta perfeitamente as idéias de Althusser naquela ocasião. Esse texto de Althusser juntamente com o escrito *Le marxisme aujourd'hui*, parece um acerto de contas com o marxismo. [Lembremos que o verbete *Marxismo*, da Enciclopedia Européia, contém contribuições de Iring Fetscher, Gianni Vattimo e Louis Althusser.] – *Un bilancio critico* é uma versão reduzida de *Il marxismo oggi*. Este último escrito é um estudo mais amplo, ou melhor, é a versão completa da exposição contida na Enciclopédia. *Il marxismo oggi* apareceu originariamente em italiano na obra de Louis Althusser *Quel che deve cambiare nel Partito Comunista*. Traduttore Francesco Fenghi. Milano: Garzanti, 1978. 144p. pp. 107-126. (Collana Saggi Blu). Acréscimo do tradutor.

apenas em relação àquela ação possível na luta ideológica. Tanto é assim, que essa mudança ainda forma, passando da forma-teoria à "forma-ideologia".

O materialismo de Marx não se mede tanto sobre o conteúdo materialista de sua teoria quanto sobre a consciência decisiva e prática das condições, das formas, dos limites no qual estas idéias possam tornar-se ativas. Daí sua dupla inscrição no assunto. Daí a tese fundamental de que fosse também verdade e formalmente demonstrável, as idéias jamais poderiam ser historicamente ativas por si mesmas, mas apenas sob formas ideológicas das massas, envolvida na luta de classes. E todavia, por uma extraordinária ironia da história, Marx nunca suspeitou que até os seus bons pensamentos poderia estar deformados, submetidos ao destino da "onipotência das idéias" e a essa assertiva politicamente. Não se trata aqui de processar Marx e de julgá-lo na base a alguma coisa de diverso da sua própria história: é sobre isto que devemos refletir. Se pode, em cada caso, afirmar que na obra de Marx os acenos a que ele chamava a "superestrutura", vale dizer corretamente, o Estado e as "formas ideológicas", são suficientemente escassos. E até mesmo Gramsci, cuja contribuição permanece limitada, a tradição marxista nada acrescentou aquela de que Marx nos deixou. Por outro lado, porquanto se trate de um paradoxo surpreendente, é de fato um dado que, no essencial, do ponto de vista teórico, o marxismo permaneceu em Marx, ou mesmo deste lado²: seu pensamento suscitou comentários, ilustrações (às vezes brilhantes, mais freqüentemente planas), aplicações; suscitou ásperos conflitos de interpretações originadas da ação política revolucionária. Porém, fundamentalmente o marxismo a repetiu, e na repetição, deformou ou enrijeceu. Fenômeno singular caso se pense que a teoria marxista se definisse já não utópica, mas científica, é que não existe ciência no mundo a qual viva sem progredir e avance sem remeter criticamente em causa a sua primeira forma de expressão, o seu "início". Nada disso no marxismo. Rosa Luxemburgo teve a coragem de tentar uma crítica dos esquemas de reprodução do II livro de *O capital*: mas se tratava de um mal entendido. Ainda que este último período nos pareça finalmente delinear-se numa análise crítica, numa confusão inevitável, mas que daria frutos, a teoria marxista nunca se recuperou nem se desenvolveu. Este paradoxo não é imputável somente aos efeitos das lutas de

² Nessa passagem fica nítido o rigor crítico de Althusser quanto ao desenvolvimento ou progresso do marxismo. Ou seja, apesar dos esforços dos seguidores de Marx em fazer avançar o marxismo, Althusser nos diz que o próprio marxismo permanece o mesmo desde Marx. Em suma, o marxismo petrificou-se. – Em suma, o marxismo de Marx é o mesmo dos marxistas. Até o fim do parágrafo tal proposta ficará mais clara. Acompanhemos. (N. T.).

classes e ao domínio da ideologia burguesa que, porquanto concerne a elaboração teórica, tenha bloqueado o marxismo sobre sua defensiva; mas também às deficiências de Marx, cujas mesmas preservaremos em julgá-las em nome da idéia de uma Teoria em si, completa, privada das carências e das contradições.

O materialismo da dúplice colocação das idéias em questão, e da sua subordinação à luta de classes, não basta de fato para medir a eficácia das idéias na luta de classes. Ocorre que as idéias podem exprimir-se na "forma ideológica" das massas; e que não se dão com simples propaganda, mas de vez com a organização da luta de classes. "Proletários de todo o mundo, uni-vos" significa na prática: "organizai-vos". Nesse momento, parece [se diz] que a organização colocou para Marx problemas teóricos particulares, todos os problemas como a ser resolvidos, à priori, na transparência de uma comunidade de vontade e consciência constitutivas da aderência livre e igual, antecipação da chamada "livre" comunidade, sem relações sociais do comunismo. A idéia de que o movimento operário tivesse, de fato, a esperança histórica, que para sobreviver e assegurar a unidade do pensamento e da ação a qualquer organização devesse esforçar-se num aparelho, e que a divisão entre aparelho e militantes arriscaria por reproduzir a divisão burguesa do poder e por colocar problemas arriscados semelhantes pudesse resultar em tragédia, esta idéia não podia ocupar Marx. Porém, nunca enfrentada por seus sucessores sob o aspecto teórico, nem mesmo [Rosa] Luxemburgo, que também advertiu o perigo. Logo, como Marx teve uma idéia "transparente" da organização, do mesmo modo jamais abandonou a sua concepção "transparente" da ideologia enquanto "consciência" ou conjunto de idéias, chegando a não conceber a materialidade, vale dizer, em relação à prática regulada dos aparelhos funcionais como "forma ideológica" dominante, sob dependência do Estado. Não fazendo mais que repetir, comentar ou interpretar Marx, muitos dos seus sucessores se precipitaram na obscuridade: obscuridade sobre o Estado, sobre a ideologia, sobre os partidos, sobre a política e, no limite, na extravagância completa do pensamento de Marx.

Se proclamava que o marxismo não é "um dogma, mas um guia para a ação": prova esta que a tentação dos dogmas buscava obsessivamente negar. Até mesmo Lenin

não hesitou em dizer que "as idéias de Marx são onipotentes porque são verdadeiras"³, e que o "marxismo está convertido num bloco de aço". Certamente, ocorre pensarmos o contexto no qual Lenin atuava, e compreender que "dicionou a haste em outro sentido" para a região observada; mas o contexto se volatiliza [se reduz] na história e a palavra sobrevive [permanece]. Se fez do marxismo uma filosofia evolucionista da história (Kautsky, G. V. Plekhanov), e de *O capital* um tratado de economia política; e por sugerir a unidade da obra num certo teste infeliz de Engels (como *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* ou *Dialética da natureza*) quando precisou construir "a" filosofia marxista, o materialismo dialético, que Lenin, ansioso força a garantia absoluta, declarando-o como "o único subsequente no fundo". No limite extremo dessa tendência, o comunismo tornou-se uma filosofia (o materialismo dialético), cuja mesma o materialismo histórico era dito "parte integrante" e o socialismo científico a aplicação. Em nome de Marx, Stalin fixou por anos e anos a fórmula desse hegelianismo do pobre, daquele monolítico saber absoluto em que todo assunto era desaparecimento e não ao acaso, do momento que "cada decisão competia aos quadros"; a definição da Verdade era reservada aos dirigentes, a ideologia burguesa da onipotência das idéias triunfava na monstruosa unidade Estado-partido-ideologia de Estado, e à massa não restava outra coisa senão submeter-se em nome mesmo da própria libertação.

Para esclarecer este inacreditável fenômeno das deformações não basta invocar a ideologia burguesa e a sua influência sobre o movimento operário; é necessário explicar também porque a sua forma é reproduzida no movimento operário. Por isso não se pode prescindir de uma teoria da ideologia, não só em suas relações com o Estado, na sua existência material como aparelho, mas também em suas relações com os partidos. Os dirigentes marxistas sempre consideraram a influência da ideologia burguesa (dominante) sobre a tendência do movimento dos trabalhadores; mas sempre a concebia de maneira mecanicista, e a essa em definitivo, apenas a essa, atribuindo à causa das dificuldades e dos "desvios" do movimento. Envolvida e quase oculta na prática e nos problemas imediatos de luta de classes, não percebemos que cada organização de luta esconde uma ideologia específica, destinada a defender e a assegurar a unidade. Se entendermos que a teoria marxista devia encontrar a "forma ideológica" das massas para

³ Ver LENIN, Vladimir. **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. 3ª edição; revisão Armandina Venâncio. São Paulo: Global, 1980. 80p. (Coleção bases; 9). Aqui consultada. (N. T.).

se tornar politicamente ativa, negligenciaram os fatos da diferença e das possíveis contradições entre a ideologia marxista e a ideologia imposta pela existência, a unidade e a defesa das organizações. Assinalando uma teoria do partido e dos efeitos produzidos da sua estrutura de aparelho, eles não compreenderam que a ideologia marxista podia ser deformada da ideologia necessária ao partido como tal: esta última exigência se reflete, exatamente, nas palavras de Lenin sobre a "onipotência das idéias" e em relação ao "bloco de aço do marxismo". Para construir um partido unificado em sua prática de organização, confiante da própria causa e do próprio futuro numa época dramática, eram indispensáveis proclamações garantidas da verdade sobre sua ideologia, e sobre a unidade sem rachaduras da sua teoria e da sua práxis. E porque o partido é um aparelho, era difícil fugir à tentação que a direção atribuía à garantia ideológica de uma espécie de Saber Absoluto, ao ponto de não perceber mais a função ideológica daquele saber confuso com o seu poder, e portanto, aos seus riscos; ao ponto realmente de não mais perceber que esta função incompreendida da ideologia podia terminar por reproduzir dentro desse partido, na diferença entre os dirigentes e militantes, a estrutura do Estado burguês.

Todavia, para entender que a reconhecida influência da ideologia burguesa sobre o movimento operário não resguardava apenas "idéias" ou "tendências", mas se refletia também na materialidade da estrutura organizacional, tendendo a reproduzir a estrutura do Estado, teria tomado uma teoria materialista da ideologia, do Estado, dos partidos e dos políticos. Esta realidade o marxismo a encontrou constantemente na prática da sua organização; e teve que resolver os problemas políticos que se impôs, mas tateando e como cego. Aqui está a grandeza patética da obra e da ação de Lenin que adverte a existência aguda destes problemas e continua a rebelar-se e a retificar o próprio pensamento empenhado no exercício gigantesco por fundar um novo partido, um novo Estado, e transcender a massa na renovação ideológica de uma revolução cultural. A extraordinária esperança da sua prática retifica, sim, a idéia mítica da revolução (um processo contraditório de longa duração e não mais uma mudança total e imediata), mas não chega a uma teoria do Estado, da ideologia e do partido. Aqui está a grandeza patética de Gramsci: haver sentido a importância destes problemas e seu peso político, mas sem poder superar os limites de uma investigação histórica ainda ligada a uma filosofia da história. E aqui está a grandeza de Mao, o qual pôs praticamente em questão

a idéia metafísica da dialética ousando submeter a dialética à dialética (a sua teoria da contradição), e percebendo de tal modo a natureza das relações entre o partido e a massa. Contudo, mesmo aqui, a prática não é apropriada para uma teoria.

Essa constatação não deve transmutar-se num juízo. Na realidade, atribuir a essência de uma teoria sobre a ideologia, sobre o Estado, o partido e a sobre política, a responsabilidade da história que era, significaria tornar a tese sutilmente análoga aquela da "onipotência das idéias". Significaria pensar que uma teoria marxista "completa" pudesse controlar a história, e que, além do idealismo do controle sobre a teoria, pressupunha uma outra forma de idealismo: a saber que a teoria "representando o proletário" na sua luta de classes não nasceu desta luta, não seja submissa a história desta luta, não seja condicionada pelo poder do Estado e da ideologia dominante, não dependa da estrutura das organizações e das condições ideológicas, que atuou sobre sua constituição e em seus conflitos. A teoria marxista está submetida a essa luta em suas descobertas como em suas carências e contradições, igualmente vinculada as deformações e as tragédias de sua história. O marxismo não se livrará das tragédias de sua história condenado-os e deplorando-os: este é o moralismo e a abdicação teórica e política. É importante ao contrário, que as reconheça, as assuma, os ponha na ordem do dia, as analise às raízes [no fundo]; e crie os instrumentos teóricos necessários para os compreender. Isto não tem nada haver nem mesmo com uma curiosidade intelectual que deseja ver claramente num passado irreversível. O que está em jogo nessa reflexão radical é *o marxismo hoje*: que começa finalmente a se conhecer qual é, e mudará.

Os problemas teóricos não são prerrogativas dos intelectuais; eles se apresentam, se colocam, se abrem independentemente de suas decisões. Ser materialista hoje quer dizer primeiramente [antes de mais nada] reconhecer que se pudermos traçar um primeiro e frágil balanço do pensamento de Marx, de suas carências, de suas contradições e de suas ilusões, isto acontece porque a situação se impõe para nós, e nós a consentimos: o gigantesco desenvolvimento das lutas de classes operárias e populares no mundo e em nosso país, a sua potencialidade sem precedentes em resposta a ofensiva imperialista, faz explodir em plena luz, em suas contradições, confusões, dificuldades e em seus dramas, a crise geral do marxismo: política, ideológica e teórica. Sem ir muito longe, podemos dizer que para nós esta crise presa e fixada na forma do dogmatismo de Estado stalinista, dedicava a condenar o isolamento político que tentava por afrontar-

lhe. O fato novo e significativo é que a forma de tal obstáculo está em via de desmembramento, e os elementos da crise também em sua dispersão está agora visível à massa popular. A exigência que essa crise traz à superfície nos mostra aquilo que falta em Marx e do qual temos agora uma necessidade vital: observar claramente no imperialismo, no Estado, na ideologia, no partido e na política. É suficiente ler Marx e Lenin para compreender que o marxismo, também em seu momento de vitalidade, tem sido sempre uma posição crítica (no duplo sentido do termo: na luta contra as ilusões da ideologia dominante e continuamente ameaçado na própria descoberta), porque envolve e solicita do movimento das massas e abre à exigência da história imprevisível da sua luta. Agora mais que nunca, até mesmo nas piores contradições, as massas estão em movimento.

Pela primeira vez, talvez, na sua história, o marxismo está na véspera das transformações profundas, das quais já se distinguem os primeiros sinais. A teoria marxista pode e deve ser hoje, para não mais esquecer, a velha [antiga] palavra de Marx: "devemos contar com nossa consciência filosófica anterior". Em primeiro lugar aquela de Marx. E devemos saber que isto evidentemente não é tarefa exclusiva dos filósofos, dos intelectuais e dos dirigentes, e nem mesmo de um único partido. "Cada homem", na realidade, "é filósofo" (Gramsci). É dever, em definitivo, das massas populares na prova de sua luta.